



3 e 4 de dezembro

III Encontro

de Educação, Direitos Humanos,
Gênero e Sexualidade

ENTRE PODERES E SILÊNCIOS: ANALISANDO DISCURSOS FILOSÓFICOS E A EXCLUSÃO EPISTÊMICA DAS MULHERES NO ENSINO DE FILOSOFIA

Erick Newman Silva de Oliveira¹
Flávio José de Carvalho²

Introdução

Durante toda a história do pensamento, sem exceção, é perceptível que as vozes das filósofas foram quase totalmente silenciadas e marginalizadas. A pergunta que me inquieta profundamente, a qual também foi destacada por Hennemann e Lessa (2022, p. 21), é: “Professora, existem mulheres filósofas?” Analisando a história da humanidade, percebe-se que, desde os tempos mais remotos, as mulheres foram identificadas como seres inferiores, não dotadas de razão, ligadas às emoções, não participantes da vida pública, de natureza inferior, condenadas ao interior da casa, sem direito a serem ouvidas e sujeitas a todo tipo de opressão. Portanto, esse processo de caracterização das mulheres resultou de discursos que condenaram as mulheres a um estado social de inferioridade e sujeição. Podemos afirmar que alguns filósofos, infelizmente, foram alguns dos homens que contribuíram para essa configuração social e epistemológica negativa.

Sendo assim, o discurso desses pensadores foi determinante para formar conceitos que inviabilizaram o exercício filosófico por parte das mulheres e colaborou para que elas se tornassem invisíveis e sem voz na sociedade, excluídas do fazer filosófico – as consequências desses discursos reverberam até os dias atuais de forma danosa e injusta. Diante desse contexto, objetiva-se apontar os conceitos de discurso e poder, bem como suas relações. Além disso, é determinante destacar alguns fragmentos discursivos de filósofos que fomentaram esse banimento, e criticá-los a partir de um filosofar pluriversal – admitindo várias formas e territórios do pensamento – ou seja, um filosofar para além dos limites daquilo que é tomado como verdade e validade pelo cânone do pensamento ocidental.

¹ Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Professor efetivo de Filosofia na Secretaria de Educação do Estado da Paraíba. E-mail: erick.oliveira@professor.pb.gov.br

² Doutor pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professor Associado da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). E-mail: flavio.carvalho@ufcg.edu.br

Metodologia

A pesquisa classifica-se como do tipo explicativa, pois busca a razão de ser do fenômeno do silenciamento das mulheres. Sobre as fontes referenciais, foram utilizadas fontes secundárias, assim, consiste em uma pesquisa bibliográfica, o que possibilitou por meio de revisão de literatura especializada, discutir o problema do apagamento das filósofas. A referida pesquisa tem como objetivo compreender o discurso de alguns filósofos (Aristóteles e Rousseau) que contribuíram para o silenciamento e sujeição das mulheres ao longo da história do pensamento, buscando desnaturalizar esse processo de inviabilização feminina no campo da Filosofia. Para atingir tal objetivo foi realizada uma análise qualitativa fenomenológica a partir de uma revisão bibliográfica.

Resultados e discussão

Para investigar o silenciamento das mulheres filósofas é crucial a compreensão da interação entre poder e discurso através da ótica de Michel Foucault. Assim, é possível entendermos de que maneira essa relação dinâmica influenciou a formação de concepções equivocadas acerca das mulheres. Na perspectiva foucaultiana, é essencial destacar que o poder atua como um gerador de novas realidades, conhecimentos e verdades. Não se trata de uma entidade que pode ser tangida, adquirida ou possuída, mas sim de um fenômeno em constante evolução. Em relação ao poder, Foucault argumenta que ele “não é algo que se adquira, arrebate ou compartilhe, algo que se guarde ou deixe escapar; o poder se exerce a partir de inúmeros pontos e em meio a relações desiguais e móveis” (Foucault, 1999, p. 89-90).

Sobre a origem do poder no discurso, o pensador francês entende que “é de nós, só de nós, que ele advém” (Foucault, 2006, p. 7); ou seja, existe uma relação intrínseca entre discurso e autor, de forma que o poder do discurso advém dos privilégios que seu autor possui. Por isso, os discursos produzidos pelos filósofos sobre as mulheres não são despretensiosos, antes, têm objetivos claros e seus efeitos são devastadores, pois quem domina o discurso também domina todos os outros mecanismos de poder e corpos. De acordo com Foucault, em suma, não há sociedades livres das relações de poder:

[...] em qualquer sociedade, existem relações de poder múltiplas que atravessam, caracterizam e constituem o corpo social e que estas relações de poder não podem se dissociar, se estabelecer nem funcionar sem uma produção, uma acumulação, uma circulação e um funcionamento do discurso (Foucault, 2017, p. 251).

Para Foucault, o discurso possui procedimentos que provocam certos danos específicos, como a exclusão. Os procedimentos de exclusão, como a interdição, causam divisões invisíveis e separam em lados opostos aqueles que podem falar e aqueles que ficam em silêncio, validando expressões, assuntos e ideias. Sobre esses procedimentos, Foucault afirma que:

Em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de exclusão. O mais evidente, o mais familiar também, é a interdição. Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa (Foucault, 2006, p. 9).

Ao recuarmos ao período clássico, por exemplo, não podemos esquecer o quão devastador foi o discurso de Aristóteles acerca das mulheres na obra “Política”, quando afirma que “a natureza ainda subordinou um dos dois animais ao outro. Em todas as espécies, o macho é evidentemente superior à fêmea: a espécie humana não é exceção” (Aristóteles, 2006, p. 25). Além disso, ainda na sua “Política” ele afirma que a natureza determina uma subordinação hierárquica entre os seres, ficando a mulher numa posição de inferioridade e limitação política quando diz:

O mesmo ocorre com os seres distintos. Assim como neles se encontram diversas espécies de superioridade e de subordinações determinadas pela natureza, há também várias formas de comando. A maneira de comandar não é a mesma do homem livre ao seu escravo, do marido à mulher, do homem adulto a seu filho. Todos têm uma alma dotada das mesmas faculdades, mas de modo diferente: o escravo não deve de modo algum deliberar; a mulher tem direito a isso, mas pouco, e a criança, menos ainda (Aristóteles, 2006, p. 35).

Aristóteles estaria então condenado pela relação cultura-tempo a produzir e reproduzir uma filosofia que inferiorizasse e sujeitasse as mulheres de maneira tão degradante? Será então que não havia possibilidades para o estagirita ir além das convenções sociais da sua época e pensar de maneira diferente? Sobre essa questão, Tiburi responde da seguinte maneira:

Muitos justificarão os filósofos dizendo que são homens do seu tempo, ao que podemos contrapor: não seriam eles que deveriam estar mais atentos aos aspectos ideológicos da sociedade e às suas mentiras para mudar mundo? Mas os filósofos nem sempre quiseram mudar o mundo [...] (Tiburi, 2018, p. 70).

Por fim, Rousseau se destaca também de forma negativa em alguns discursos sobre as mulheres na obra “Emílio ou da educação”. O filósofo acredita que as mulheres devem se

manter dentro dos limites naturais de seu gênero e não se envolver no trabalho intelectual, pois isso não seria adequado para elas quando afirma que:

A procura de verdades abstratas e especulativas, dos princípios, dos axiomas nas ciências, tudo o que tende a generalizar as ideias não é da competência das mulheres, seus estudos devem todos voltar-se para a prática: cabe a elas fazerem a aplicação dos princípios que o homem encontrou. (Rousseau, 1992, p. 463).

Emílio e Sofia têm uma relação baseada na hierarquia de gênero, onde o Emílio é senhor, superior e pode ser educado para a racionalidade e o pensar. Já Sofia é caracterizada pela sua natureza frágil, inferior e deve ser educada para os serviços práticos e domésticos. Para Ferreira (2021, p. 201-202) esses três aspectos, possíveis de isolar do retrato de Sofia, representam com muita clareza, aquilo que Rousseau pensava da figura feminina e que se pode sintetizar em três vetores: uma racionalidade prática, a ausência de autonomia e a inconsistência ontológica.

Como resultados da pesquisa, constatou-se que os discursos de certos filósofos contribuíram diretamente para o silenciamento das mulheres, pois, ao articular relações entre poder e discurso, validaram como verdade estruturas que promoveram rejeição e exclusão. Essas representações não apenas refletiram a lógica machista de suas épocas, mas a revestiram de argumentos filosóficos que produziram epistemicídios. A investigação também fomentou resistência às ideias de Aristóteles e Rousseau, estimulando uma reflexão baseada na igualdade de gênero. Identificaram-se e criticaram-se preconceitos e suas estruturas epistêmicas, evidenciando que as mulheres filósofas sempre existiram e devem ser incorporadas ao ensino de Filosofia. Essa inclusão, porém, deve ultrapassar a simples citação biográfica, valorizando efetivamente a produção epistemológica das filósofas.

Considerações finais

Diante do exposto, é evidente que a exclusão das mulheres durante a história do pensamento não foi um fenômeno natural, mas artificial. O ocultamento das filósofas ocorreu devido a um projeto de dominação e superioridade do masculino em relação ao feminino. Àqueles que deveriam desconstruir paradigmas justamente os responsáveis por consolidá-los. O discurso de superioridade masculina deve ser reanalisado, desconstruído e criticado. Isso contribui para que ocorra uma justa inserção da produção epistemológica das filósofas na sala de aula, a qual foi produzida ao longo da história. Portanto, o legado das filósofas deve reverberar no ensino de Filosofia para promover igualdade e equidade de gênero.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **A política**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Graal, 1999.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Ed. Loyola, 2006.

HENNEMANN, Natasha. LESSA, Fabiana. **Filósofas: o legado das mulheres na história do pensamento mundial**. São Paulo: Maquinaria Editora, 2022.

ROUSSEAU, Jean Jacques. **Emílio ou da educação**. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

TIBURI, M. **Feminismo em comum: para todas, todes e todos**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.